



## Por uma estética da revolta na narrativa florbeliana

Aline Alves de Carvalho<sup>1</sup>

Resenha de:

ESPANCA, Florbela. **Obras Completas de Florbela Espanca**. Vol IV. Organização, fixação crítica dos textos e notas de Cláudia Pazos Alonso e Fábio Mario da Silva. Lisboa: Editorial Estampa, 2015. 230 p.

Guerras de proporções jamais antes vistas, regimes de exceção violentos e crise do capitalismo são os elementos que definem a primeira metade do século XX, período ao qual a arte dará sua resposta. Em meio a rupturas formais que correspondem ao desejo urgente de se violar a ordem vigente, a arte moderna dá o tom a uma estética da revolta. O conjunto de contos de Florbela Espanca intitulado *As máscaras do destino* está afinado com o estilo da narrativa livre adotado por prosadores do período, entre os quais se destacam Virginia Woolf, James Joyce e Marcel Proust.

O discurso indireto de Florbela se moderniza por uma prosa poética que acompanha o ritmo intenso de um lirismo revoltoso: no nível do conteúdo, a obra também se destaca por tratar de temas impróprios à moral portuguesa de então. Orientada pelo luto pela morte precoce do irmão Apeles, que define como trágica a experiência do amor, Florbela Espanca compõe em forma de pequenos contos o que se pode chamar de um dos primeiros tratados literários feministas do ocidente.

O discurso profeminista é marca de Florbela desde sua obra poética, e aqui recebe o contorno transgressor em linhas narrativas insurgentes. Florbela reivindica o erotismo feminino livre através de personagens inadequadas aos modelos sociais impostos pelo patriarcado, que compõem, cada qual, uma *máscara* identitária e heterogênea da realidade sexual da mulher. Máscara que é do destino, ou seja, do futuro, um *dever-ser* imaginado para a utopia, que reconhecerá na mulher não apenas o direito de sê-lo, com tudo o que isso significa, mas também um modelo de organização social, o matriarcado.

---

<sup>1</sup> Professora substituta de teoria literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sem qualquer sinal de se mostrar uma fábula ou uma visão ilusória do real, *As máscaras do destino* nos conta histórias lucidamente críticas à ordem que exige que a mulher seja reprimida ao ser socializada. Para tal se faz presente o desencanto como componente amoroso em lugar da rejeição do amado, e a negação a uma ordem social que impossibilita a realização do amor. Portanto, nada mais apropriado que a escolha do conto para narrar histórias de amor interrompidas e curtas, como focos milagrosos e ocasionais; finitos como a experiência sexual feminina; curtos, intempestivos e catárticos como o orgasmo. Não há solução de conflitos nem finais felizes, uma vez que o conflito é um *a priori* estético, filosófico e moral para a composição florbeliana.

A sugestão da utopia pode ser encontrada no voo, movimento realizado por Apeles, que morre quando seu monomotor cai no Tejo. E, portanto, também a morte é um avatar que percorre todo o livro, representando a ruptura com a vida, com o que é, com o possível e concreto, abrindo, desse modo, o espaço para a imaginação, para a esperança, e para o projeto de um lugar ideal, impossível, onde a sexualidade feminina não seja relegada à clandestinidade.

Como forma de honrar a obra dessa escritora excepcional, sua produção foi organizada por Claudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, nas *Obras completas de Florbela Espanca*, cujo volume IV é composto por *As máscaras do destino*. Em uma edição crítica impecável tanto o leitor não especializado quanto pesquisadores e críticos são agraciados por estudos bastante acurados e generosos sobre o conjunto de contos em questão. A edição conta com estudos introdutórios, e não apenas a convencional apresentação, em que apenas um autor comenta a obra. Neste formato, o leitor é introduzido por diferentes perspectivas críticas sobre a obra, o que enriquece ainda mais tanto a leitura quanto a oferta da obra de Florbela ao público.

No primeiro estudo introdutório, Fabio Mario da Silva identifica as linhas de força presentes em *As máscaras do destino*: a morte sob a perspectiva clássica, a sequência entre os contos, a consagração do herói, a imagem da Virgem Maria, o mito de Ícaro, o entrelaçamento entre amor e morte, a superação da vida cotidiana e o desejo do sublime. Estão aqui iluminados pontos fundamentais da estética florbeliana, reincidentes também em sua obra poética, de modo que o trabalho começa bem apresentado ao leitor.

Em seguida temos o estudo de Chris Gerry, que nos fala sobre as traduções realizadas por Florbela, muito pouco conhecidas, mas que são capazes de nos oferecer uma fonte de inspiração determinante para a produção literária da escritora. O profeminismo é matéria dos textos escolhidos por Florbela a serem traduzidos, o que

nos oferece um importante sinal do quanto ela esteve comprometida com a causa da mulher.

O último estudo é de Renata Soares Junqueira, uma das primeiras pesquisadoras que se dispuseram a estudar *As máscaras do destino*. A estudiosa oferece o devido destaque à morte como temática principal da obra e chama os contos de “narrativas ltuosas” em que se encontra a “obsessão pela morte”, elemento fundamental no posicionamento negativo de Florbela.

O trabalho não deixa de fora a apresentação dos critérios de edição e transcrição dos textos, revelando o rigor que fica ausente nas publicações subsequentes à morte de Florbela (refiro-me ao trabalho de Guido Bateli, tão prejudicial à difusão da obra e à fortuna crítica dedicada a Florbela, como a investigação de Maria Lúcia Dal Farra nos esclarece). Enfim, começa-se a fazer justiça a uma escritora tão importante para a história do feminismo e para a literatura portuguesa.